

LEITURAS ERRANTES: UM OBJETO A SER ELUCIDADO

Claudia Rosa Riolfi
Valdir Heitor Barzotto

Dando sequência à sua missão de produzir conhecimento a respeito da leitura e da escrita, o *Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise – GEPPEP* – sediado desde 2004, na *Faculdade de Educação – FE* da *Universidade de São Paulo – USP* – tomou como sua a tarefa de elucidar um tipo de leitura que surpreende o interlocutor por parecer inesperada, não convencional, labiríntica ou inadequada: a leitura errante.

Assim, ao longo de dois anos (2016-2017), seus pesquisadores voltaram-se à análise das diferentes incidências dos leitores no trabalho a ser realizado sobre os textos dados a ler. O projeto de pesquisa que congregou seus esforços foi intitulado *Leituras Errantes*. Seus objetivos gerais eram mostrar que as leituras errantes podem ser consideradas reflexo da ação de um leitor que vacila ao respeitar o movimento feito por quem escreveu e analisar as causas do estranhamento gerado por leituras inesperadas.

Em sua realização, o projeto *Leituras Errantes* assumiu cinco objetivos específicos. O primeiro era descrever os mecanismos parafrásticos presentes em textos de estudantes do Ensino Básico e Médio e analisar as suas transformações (lexicais, sintáticas, morfológicas etc.) em relação aos textos-fonte.

Considerando que narrar é contar uma história com verossimilhança, o segundo era investigar os recursos utilizados para compor uma narrativa de cunho informativo, (auto)biográfico ou ficcional; analisando os sentidos mobilizados na escrita e a presença

de eventuais marcas das instituições onde as narrativas foram produzidas.

O terceiro era, aproveitando-nos dos componentes da palavra cinematografia (da técnica e da arte de fixar e de reproduzir imagens que suscitam impressão de movimento, bem como da escrita/gravação do movimento), refletir a respeito de lugares e movimentos de leitura e de escrita, bem como a respeito de suas impressões por meio da análise de personagens errantes.

Por meio da análise de citações diretas ou indiretas inseridas em textos acadêmicos, o quarto era investigar os modos como, em textos que se voltam a relatar um esforço prévio, por parte de seu autor, para a produção do conhecimento, dá-se a textualização da voz do outro.

Por fim, o quinto objetivo era, por meio da análise de estratégias argumentativas presentes em documentos oficiais e textos correlacionados a eles, tais como trabalhos acadêmicos, materiais didáticos e midiáticos e novos documentos oficiais, delinear as políticas linguísticas relacionadas ao ensino da leitura e escrita.

Para a consecução destes objetivos, compreendíamos que ao menos quatro fatores podem levar as leituras a serem errantes. O primeiro é a opacidade da linguagem, a qual, por natureza, é equivocizante. Assim, sempre haverá um espaço entre o que alguém disse e o que o outro escutou, impossibilitando uma comunicação sem falhas. O segundo, portanto, incide sobre a impossibilidade da completude do processo de ensino e aprendizagem. Aqui, também, inevitavelmente permanecerão lacunas entre o que foi supostamente ensinado e o que foi idealmente aprendido. O terceiro refere-se à necessidade de investimento de quem escreve na direção de tornar o mais claro possível o que foi escrito. Por fim, o quarto está relacionado à quantidade de investimento pessoal que cada qual decide ou é capaz de fazer ao ler.

Os onze capítulos que compõem este livro são resultados desse projeto de pesquisa e, consequentemente, partilham dessas hipóteses. Todos eles, originariamente apresentados e discutidos no *XII Workshop Produção Escrita e Psicanálise: Leituras errantes* –

sediado na FEUSP, em 19 e 20 de outubro de 2016 – tiveram duas obras como inspiração.

A primeira é *A formação do espírito científico*, de Gaston Bachelard (1938). Para o autor, a conquista do pensamento lógico só se faz por meio de um esforço deliberado e constante, posto que os obstáculos a ele são inerentes ao humano. A segunda foi a obra literária *Um, Nenhum e Cem mil*, de Luigi Pirandello. Tomamos o percurso do protagonista como um ponto de partida para estudar o que ocorre com quem se dá conta de suas alienações primeiras.

Preocupado a respeito do “modo estranho” com o qual o sujeito contemporâneo se relaciona com a linguagem, Thomas Massao Fairchild propõe que, na aula de Língua Portuguesa, se abra ao menos um espaço mínimo para a negociação do sujeito com suas próprias narrativas.

Interessadas em analisar as manifestações escritas dos alunos que se configuraram como leituras errantes das consignas de exercícios e de provas, Maristela Freitas e Renata Costa indicam que elas podem fornecer ao professor as indicações de ações pedagógicas necessárias para o seu trabalho à condição de ser consideradas no estatuto de indícios da relação do aluno com o texto.

Ana Carolina Barros Silva, Carolina de Jesus Pereira e Carlos Henrique Rizzo, por sua vez, perceberam a diversidade dos movimentos de leituras que se manifestam na escrita de um texto. Por esse motivo, lançaram um alerta a respeito da necessidade de repensar os instrumentos comumente utilizados para analisar os processos de leitura.

Por meio da comparação de uma dissertação de mestrado com um dos texto-fonte que foi citado por seu autor, Sulemi Fabiano Campos e Janima Bernardes Ribeiro mostraram como o redator do texto acadêmico não conseguiu apreender o conteúdo do texto lido a ponto de conseguir parafraseá-lo, limitando-se às substituições de palavras.

Emari Andrade e Suelen Gregatti da Igreja por sua vez, compararam a presença de um texto-fonte em diversas versões de um capítulo de livro durante seu processo de composição e revisão. Por meio desse esforço, puderam mostrar que as retificações

dos movimentos de leitura que se vê na reescrita parecem estar correlacionadas não só à escrita em si como também ao delineamento do próprio objeto de pesquisa.

Analisando como, em sua dissertação, uma mestrandona incorpora conceitos retirados do texto de uma comentadora, Enio Sugiyama Junior e Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro mostraram que, por uma adesão às interpretações e representações ofertadas pelo texto, a autora da dissertação acabou ficando desapropriada do lugar que poderia ocupar em sua escrita.

Interessados no modo como os autores de memoriais interpretam a própria história ao escrever sobre ela, Ana Silvia de Moraes Nascimento e Ernesto Sergio Bertoldo analisaram as funções de uma metáfora organizadora presente em um memorial acadêmico, no caso, a tentativa de acomodar a divisão ante o fazer científico por um lado e o não-saber irredutível por outro.

Partindo da hipótese de que, durante a leitura, movimento corporal e local interferem na constituição de sentidos Valdir Heitor Barzotto redigiu um capítulo no qual a convocação do corpo e o espaço físico nas análises de textos resultantes de leitura foram privilegiados nos exercícios de compreensão dos caminhos por que passam os leitores até chegar à proposição de uma leitura de um texto.

Discutindo a relação de forças entre leitores, Jobi Espasiani analisou as relações de poder entre um pesquisador e seu sujeito de pesquisa histórica. Ao longo dessa análise, os principais conceitos mobilizados por Espasiani são os de leitor padrão, que determinaria a interpretação “correta” e o leitor não padrão, que deveria reproduzir essa interpretação.

Estudando a produção acadêmica a respeito do ensino de língua russa na Ásia central, Milan Puh alerta a respeito da importância de o pesquisador se deslocar entre as culturas para poder cernir o que seria ou não certo ou, até mesmo, o que poderia, ou não, vir a ser caracterizado em termos de um obstáculo epistemológico. Assim, seu capítulo consiste em um uma discussão a respeito do olhar do pesquisador.

Analizando comentários e réplicas publicados na internet, Claudia Rosa Riolfi reflete a respeito da dificuldade, por parte

de quem os escreve, em interpretar aquilo que o comentarista se propôs a comentar. A autora mostrou que, para ser bem-sucedido nessa operação, o redator do comentário teria que sustentar um trabalho linguístico, mas não o faz por desconhecer essa necessidade.

No conjunto, portanto, os textos não só cumprem os objetivos aos quais o projeto Leituras Errantes se propôs como consistem em um convite para pesquisadores a respeito da leitura e da escrita, professores de Língua Portuguesa e demais interessados nos impasses da linguagem humana que se juntam a nós na direção de dar prosseguimento ao entendimento de como e porque as leituras erram.

São Paulo, 05 de março de 2019.